

Introdução

Todas as referências bíblicas nesta obra aparecem com a indicação do livro ou autor, seguida de capítulo e versículos. Exemplos: *2Reis 23,31-33* – *Segundo livro dos Reis*, capítulo 23, versículos de 31 a 33. Ou *Mateus 18,22* – *Evangelho de Mateus*, capítulo 18, versículo 22. Portanto, sugiro ler este livro acompanhado de um exemplar da Bíblia¹. Isso facilitará o entendimento.

No original grego, os evangelhos não se encontram editados em capítulos e versículos, nem possuem intertítulos. Esse trabalho posterior de edição visa a facilitar a leitura e a citação dos relatos evangélicos.

Mateus foi um dos quatro autores dos evangelhos, ao lado de Marcos, Lucas e João. De cobrador de impostos ou fiscal de renda se tornou apóstolo de Jesus. A palavra grega apóstolo significa “enviado”. No Novo Testamento, seu relato evangélico figura em primeiro lugar, embora o de Marcos o tenha precedido historicamente. Isso porque, na Igreja primitiva, o *Evangelho de Mateus* era o mais difundido e considerado anterior aos de Marcos, Lucas e João. Também foi o evangelho mais lido e comentado na Idade Média.

Não há comprovação de que tenha sido redigido pelo apóstolo Mateus. É provável que seja fruto da comunidade cristã primitiva discípula de Mateus. Logo, uma obra comunitária.

1. Sugiro as Bíblias editadas pela Paulus e encontradas também na internet. Para quem prefere uma versão mais brasileira, recomendo a Edição Pastoral. Para quem pretende aprofundar o estudo do texto bíblico, a *Bíblia de Jerusalém*.

O relato foi escrito em aramaico – o idioma que Jesus falava – entre os anos 80 e 90. Portanto, 50 anos após a ressurreição de Jesus, e 15 a 20 anos depois de Jerusalém ter sido invadida e arrasada pelas tropas do Império Romano comandadas por Vespasiano e seu filho, Tito, por ordem do imperador Nero². Os judeus foram dispersados pela orla do Mediterrâneo. Teve início a diáspora.

O público-alvo de Mateus eram os judeus, a quem pretendia convencer de que o Messias esperado já tinha vindo – era Jesus de Nazaré, que rompeu com o legalismo judaico e, dentro do reino de César, anunciou o Reino de justiça querido por Deus.

Vale recordar que no ano 66 os judeus se revoltaram contra a ocupação romana da Palestina, que datava de 63 a.C. A insurreição durou sete anos, até a fortaleza de Massada cair em mãos dos romanos, em 73. O Templo de Jerusalém já havia sido posto abaixo no ano 70.

Entre 85 e 90, fariseus³ e escribas⁴, sobreviventes do massacre promovido pelos romanos, se reuniram na cidade

2. O tesouro do Templo de Jerusalém era o principal banco do Império Romano. Em 66 d.C., Roma decidiu requisitar o dinheiro ali depositado. As várias tendências judaicas se uniram contra os romanos, à exceção dos saduceus. Teve início a guerra judaica, descrita por Flávio Josefo, que durou até o ano 73. Os fariseus e seus escribas participaram do início do conflito e depois se omitiram e buscaram refúgio em outras regiões. Os judeus cristãos também não participaram. Vespasiano e Tito se tornaram imperadores. Durante seu reinado, Vespasiano mandou edificar o Coliseu romano. E há em Roma o Arco de Tito, do século I, localizado na Via-sacra, a sudeste do Fórum Romano, cujas esculturas retratam a destruição de Jerusalém.

3. Os fariseus, segmento religioso dentro do Judaísmo, surgiram no século II a.C., com o propósito de estrita observância da lei de Moisés, em especial no que diz respeito à pureza. A palavra “fariseu” significa “separado”, para diferenciá-los do povo. Ao contrário dos saduceus, os fariseus tinham fé na ressurreição e na existência de anjos. O dia de um fariseu era assim dividido: oito horas para dormir; oito para rezar e estudar a lei mosaica; e oito para trabalhar. Eram benquistos pelo povo porque ajudavam a preservar a identidade judaica e faziam trabalhos sociais. “Calcula-se que no tempo de Jesus havia cerca de 6 mil fariseus e escribas” (Mosconi, 1990, p. 22).

4. Escribas eram os que dominavam a arte da escrita e redigiam os documentos. Muitos eram “doutores da Lei”; ou seja, teólogos do Judaísmo.

da Jamnia⁵ e fizeram ali uma espécie de concílio do Judaísmo. Como já não havia Templo e não se podia mais oferecer holocaustos e sacrifícios, decidiram que a prática religiosa se basearia, dali para frente, na estrita observância da Lei mosaica e no culto celebrado nas sinagogas. Desde então fariseus e escribas são chamados “rabinos”.

Naquele evento, resolveram também adotar o hebraico como idioma de culto religioso. E considerar sagrados apenas os livros do Primeiro Testamento comprovadamente escritos em hebraico no original. Rejeitaram, portanto, a tradução em grego dos livros sagrados conhecida como *Setenta*, supostamente feita por 70 sábios três séculos a.C. Foram excluídos da “Bíblia” dos judeus os livros *Eclesiástico*, *Sabedoria*, *Judite*, *Tobias*, *Baruc*, os capítulos 13 e 14 de *Daniel* e os dois livros dos *Macabeus*. Mais tarde, a tradição protestante adotou o mesmo critério do Judaísmo. Nas Bíblias das Igrejas protestantes ou evangélicas não figuram aqueles livros.

Os rabinos determinaram ainda que seria considerado verdadeiro judeu apenas quem seguisse rigorosamente suas orientações baseadas na Lei de Moisés. Todos os judeus-cristãos passaram a ser encarados como dissidentes ou hereges e ficaram proibidos de frequentar a sinagoga.

O *Evangelho de Mateus* retrata um Jesus rebelde, corajoso, destemido. Foi escrito para fortalecer os cristãos excluídos do Judaísmo. Manifesta uma crítica contundente aos fariseus e à elite religiosa da época, bem como à ocupação romana da Palestina. É bom lembrar que quando Mateus lançou seu relato sobre Jesus, o *Evangelho de Marcos* já tinha sido escrito há cerca de

5. Jamnia se localizava na costa sudoeste da Palestina, onde atualmente se encontra a cidade de Yavne. Depois que os romanos conquistaram e destruíram Jerusalém e o Templo, tornou-se importante centro de influência da comunidade judaica.

vinte anos⁶. Este nos diz *quem foi e o que fez Jesus*. O de Mateus, *o que nós cristãos devemos fazer*. Marcos fala de Jesus; Mateus faz Jesus falar. Mateus lidou com a crise de identidade das primeiras comunidades cristãs formadas por judeus convertidos a Jesus e, também, por galileus e gentios.

O texto do *Evangelho de Mateus* reflete uma comunidade no Norte da Galileia e da Síria – talvez situada em Antioquia, capital da província romana da Síria⁷ –, na qual se mesclavam judeus convertidos ao Movimento do Nazareno; judeus apegados à lei de Moisés; judeus muito influenciados pela cultura grega⁸ e nada apegados à Lei e ao Templo; e gentios ou não judeus.

Naquela comunidade havia conflito entre os judeus fariseus, fundamentalistas, muito apegados à Lei, e os judeus cristãos, convencidos de que Jesus era o novo Moisés e havia ultrapassado a Lei ao centrar sua pregação no Reino de justiça que Deus manifestara através da prática e das palavras de seu Filho. É óbvio, no relato de Mateus, que ele lidou com comunidades que, à luz de Jesus, reliam as Escrituras com outra ótica⁹.

6. Mateus incluiu em seu evangelho 80% do *Evangelho de Marcos* – 600 versículos. Em comum com Lucas, 230 versículos, muitos provenientes da chamada fonte Q. E 330 encontrados apenas em seu evangelho vieram de tradições orais e acréscimos das primeiras comunidades cristãs.

7. Na época, a cidade tinha cerca de 200 mil habitantes, metade escravos. Era, talvez, a terceira maior cidade do Império Romano, depois de Roma e Alexandria. Foi lá que os “nazarenos”, como eram chamados os discípulos de Jesus, passaram a ser conhecidos como “cristãos”. Situada atualmente na Turquia, chama-se Antáquia.

8. Segundo o *Atos dos Apóstolos* (11,19-26), foragidos da perseguição em Jerusalém encontraram refúgio em Antioquia. A região Norte da Galileia esteve sob domínio da Grécia de Alexandre Magno entre os anos 333 e 301 a.C.

9. “[...] antes de o evangelho ter sido escrito, foi vivido nas comunidades, transmitido, adaptado; viveu na catequese, na pregação, na liturgia, nas lutas cotidianas. Esta história está subentendida em cada evangelho. E o evangelho segundo Mateus adquire suas particularidades em função da comunidade para a qual foi dirigido. Um longo mutirão na comunidade gerou o seu evangelho!” (Vasconcellos; Da Silva, 1999, p.73).

Não pense que o apóstolo Mateus, inspirado em Marcos, teve a ideia de também escrever sobre Jesus e, como eu ao preparar este livro, reservou tempo em sua agenda para fazê-lo. Os evangelhos não são propriamente obras dos autores que os assinam. Resultam de relatos transmitidos nas comunidades primitivas, “retalhos” colhidos aqui e ali e que, sincronizados, formaram perícopes “coladas” pelos autores.

Os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas são chamados de “sinóticos” porque se assemelham. Isso se deve a dois fatores: Lucas e Mateus já conheciam o *Evangelho de Marcos* quando elaboraram seus relatos. E Mateus e Lucas tiveram também como fonte o *Evangelho “Q”*, que reúne ensinamentos de Jesus (sentenças, discursos, parábolas), como as bem-aventuranças, e do qual não se encontrou até hoje nenhuma cópia. Esse “Q” deriva da palavra alemã “*Quelle*”, que significa “fonte”¹⁰.

O tema central do *Evangelho de Mateus* é a justiça. Esta palavra aparece diversas vezes em Mateus (3,15; 5,6.10.20; 6,1.33; 21,32). E o adjetivo “justo” figura dezessete vezes.

10. “A amorosidade divina vivida, testemunhada por Jesus e ratificada pelo evento ressurreição provocou um tremendo choque espiritual nos apóstolos e nos seus seguidores até os dias de hoje. Começaram a raciocinar e procurar entender, à luz do Antigo Testamento, a saga de Jesus, o porquê de sua morte e principalmente o surpreendente evento da ressurreição. Iniciaram esse trabalho na celebração de sua presença de ressuscitado, nos pequenos hinos, nas liturgias, nos ritos e pela recordação de sua vida, de sua gesta libertadora, de sua mensagem central resumida na oração *Pai-nosso*. Em seguida, começaram a elaborar os núcleos doutrinários e centrais de sua mensagem, e assim surgiram os escritos, os quatro evangelhos. Por detrás deles estão comunidades que não só rezaram, mas também refletiram sobre o destino e a história de Jesus” (Boff, 2023, pp. 89-90). “De fato, ao escrever o seu [evangelho], Mateus tinha em mãos o de Marcos. É muito instrutivo para o leitor notar quando Mateus segue Marcos com exatidão, introduz mudanças sutis e omite por completo material daquela fonte mais primitiva. Mateus também teve acesso a outra fonte, ou tomou conhecimento dela, e parece partilhá-la com o autor do Evangelho de Lucas. É costume denominá-la fonte Q, inicial da palavra alemã *Quelle*, ‘fonte’. O Sermão da Montanha, por exemplo, contém material de Q. Nunca se encontrou essa fonte ou documento, mas a análise cuidadosa de Mateus e Lucas revela uma fonte comum” (Overman, 1999, p. 14).

Mateus enfatiza que a justiça praticada pelos cristãos deve ser superior à dos fariseus (5,20). Quem assim proceder encontrará a felicidade¹¹.

Mateus contextualiza seu relato com parábolas que retratam a realidade na Palestina no tempo de Jesus: desemprego (20,1-15); trabalho árduo (13,1-9.24-33.47-50); dívidas (6,12; 18,23-35) etc. E acentua a solidariedade aos excluídos como preceito prioritário (10,42; 11,25; 18,6.10.14; 21,16; 25,40). Trata-se de um relato essencialmente político, impregnado de caráter religioso. Na Palestina do tempo de Jesus não havia essa distinção moderna entre religião e política. Quem detinha o poder religioso tinha em mãos também o poder político, e vice-versa. Jesus foi assassinado como um prisioneiro político.

Mateus exemplifica como Jesus se tornou dissidente do Judaísmo até chegar à ruptura. Isso não significa que, nós cristãos, devemos abominar a religião na qual Jesus foi educado. Pelo contrário, devemos respeitar todas as religiões¹², mas rejeitar – inclusive em certos segmentos cristãos – aquelas que pregam a negação dos direitos humanos ou do fundamentalismo que coloca a letra acima do espírito ou o legalismo acima da vida.

O que vamos ler, em seguida, é um contundente manifesto contrário ao imperialismo romano e ao fundamentalismo judaico, e centrado em uma nova proposta civilizatória: implantar, na Terra, o Reino dos Céus (que a vontade divina seja feita na Terra como é no Céu); ou seja, o mundo de justiça e paz querido por Deus.

11. “Felizes são os mansos, e não os zelotas, que têm como única estratégia a luta armada; felizes são os aflitos, e não os saduceus no seu sossego; felizes os misericordiosos, e não os fariseus na sua rigidez legalista; felizes os puros de coração, e não os essênios que se julgavam melhores que os outros; felizes os pacíficos, e não os romanos que viviam de fazer guerra; mil vezes mais felizes são os perseguidos por causa do nome de Jesus e não os herodianos, cuja profissão era perseguir os justos” (Budallés, M.; Brito, W. *Evangelho de Mateus*, p. 12 [Cebi-GO 133]).

12. Calcula-se que existam, hoje, 4.200 religiões. O Cristianismo é abraçado por 34% da humanidade.